

#cm

2

TERÇA-FEIRA

Talento em estado de combustão



Grupo Puxadores de Samba volta ao Rival Petrobras

PÁGINA 3



Jeremy Allen White entrega um The Boss primoroso na telona

PÁGINA 4



Silvana Tavano é finalista do Prêmio Oceanos 2025

PÁGINA 6

Em tempos de singles e EPs, Chico Chico tem lenha para queimar em ‘Let it Burn - Deixa Arder’, seu terceiro trabalho de estúdio, que reúne 20 canções, 17 delas de uma autoralidade que só sabe evoluir

Por Affonso Nunes

Num momento em que a indústria musical privilegia o imediatismo dos singles e a brevidade dos EPs, Chico Chico faz uma aposta ousada ao lançar “Let It Burn - Deixa Arder”, álbum com 20 faixas que marca seu terceiro trabalho solo de estúdio. Lançado no fim de semana pela gravadora Deck, o disco representa o projeto mais ambicioso da carreira do cantor e compositor. Mesmo recente, sua carreira etá mais do que consolidada. Vale (e muito) ouvir que esse artista tem a nos dizer.

Continua na página seguinte



Filho de Cássia Eller, Chico Chico vem construindo sua identidade musical sem se apoiar na sombra materna embora algumas referências sejam visíveis. Desde o álbum de estreia com a banda 2x0 Vargem Alta (2015), até os trabalhos solo “Pomares” (2021) - embalado pelo hit “Ribanceira” - e “Estopim” (2024), o artista vem desenhando um percurso autoral marcado pela experimentação e pela recusa em se acomodar em fórmulas prontas. Se “Pomares” apresentou um compositor de sensibilidade refinada, com arranjos orquestrais inventivos e atmosfera bucólica que remetia ao folk rural brasileiro, “Estopim” trouxe uma sonoridade mais urbana e incisiva.

Agora, “Let It Burn - Deixa Arder” amplia essa proposta. O artista risca o fósforo, acende o fogo e faz sua criatividade dançar nas chamas deste trabalho, um músico inquieto que caminha à vontade por vários estilos musicais, com a mesma leveza que flana pelas ruas de Santa Teresa, o bairro onde vive.

Das 20 faixas do álbum, 16 são composições autorais de Chico Chico, incluindo parcerias e uma canção de Sal Pessoa, “Na Minha Idade”. O disco também traz três releituras que funcionam como pontes entre universos culturais distintos: “Vila do Sossego”, de Zé Ramalho, já lançada como single; “Girl From the North Country”, de Bob Dylan; e “Four and Twenty”, de Stephen Stills, gravada originalmente por Crosby, Stills, Nash & Young. E nesse território ele parece evocar a nossa saudosa Cássia.

Produzido por Pedro Fonseca, parceiro de longa data de Chico Chico, “Let It Burn - Deixa Arder” é um disco que se recusa a permanecer num único lugar, tal qual o artista pro trás dele. A jornada começa com “Tanto Pra Dizer”, quase um cartão de visitas, que revela uma faceta romântica do compositor com versos como “Tanto pra dizer / Mas é difícil / Parece não haver signo algum / Eu canto pra você / E apenas isso /



**Chico Chico
apresenta
um disco
que merece
uma audição
atenta do
início ao fim**

Uma chama que se espalha com brilho

E isso só assim / É assim e é bom”.

É a mesma atmosfera sente em “Tempo de Louças” e “Não Carece”. E na dança das chamas que se espalha ao vento, Chico exerce sua autoralidade num blues (“Two Mother’s Blues”); em milonga (“Lugarzinho”), com o bandleon de Richard Scofano emprestando sofisticação ao arranjo; num groove abrasileirado (“Hora H”); num gospel (“Acaso Inevitável”) e na delicada “Canção de Ninar”, que junto com “Rita e Luisa” explora territórios mais lúdicos da

criação de Chico.

Chico Chico canta o sentimento de sua geração em “Na Minha Idade” (“Na minha idade todo mundo tem que ser alguém / Na minha idade todo mundo tem / Uma saudade, vaidade / Vem idade e você vem”), em dueto com Ivo Vargas.

Disco diverso

“Esse é um disco muito diverso, então cada música que o Chico me apresentava eu tinha uma ideia bem distinta de arranjo e busquei

ser fiel a cada gênero, usando instrumentações apropriadas para cada um deles”, comenta Pedro Fonseca.

Essa atenção aos detalhes se manifesta em faixas como “Parabelo da Existência”, que conta com as participações de Josyara nos vocais e violões, Marcos Suzano na percussão e Carlos Malta no pife, numa ambientação nordestina que soa de forma orgânica. Ou na faixa-título, que passeia por sonoridades do Dixieland Jazz (“Não tem que morrer / O que

se acabou / Só não caberá a nós / Alimentar o fogo / So baby, let it burn / So we can burn de novo”).

O que diferencia “Let It Burn - Deixa Arder” dos trabalhos anteriores de Chico Chico é justamente essa amplitude de referências e a maturidade vocal do artista. Se em “Pomares” seu canto parecia buscar sua própria identidade, oscilando entre a herança genética de Cássia Eller e uma dicção mais pessoal, neste novo álbum Chico demonstra domínio técnico e expressivo que lhe permite transitar por tantos estilos sem qualquer traço de deslocamento nas interpretações.

A opção artística de um álbum extenso pode (e deve) ser vista como uma declaração de princípios. “Let It Burn - Deixa Arder” grita por ser ouvido como uma obra completa, uma travessia que só faz sentido quando percorrida do início ao fim. É um disco que confia na capacidade de atenção do ouvinte e na força da canção.

Divulgação

Por Affonso Nunes

O genial Jamelão (1913-2008), eterna voz da Mangueira, odiava quando era chamado de puxador de samba. Exigia ser chamado de intérprete visto o excelente cantor que era. O fato é que os cantores que defendem sambas-enredo na avenida sempre estão às voltas com essa expressão, mas muitos levam numa boa. Depois do sucesso de estreia em agosto, o grupo Puxadores do Samba está de volta ao Teatro Rival Petrobras nesta terça-feira (28), a partir das 19h30, para a segunda edição do espetáculo “Samba dos Puxadores”.

O show reúne cinco consagrados intérpretes do Carnaval — Bruno Ribas (Unidos de Padre Miguel e Tom Maior), Tinga (Vila Isabel), Marquinhos Art’Samba (Unidos da Tijuca), Serginho do Porto (Estácio e Águia de Ouro) e Wantuir (Porto da Pedra) — para celebrar a força e potência de sambas-enredos, mas também dis-



Muito além dos sambas-enredos

Formado por intérpretes de cinco escolas, o grupo Puxadores de Samba volta ao Rival Petrobras

postos a mostrar seu valor como cantores. A bateria da Estácio, comandada pelo Mestre Chuvisco, é a convidada especial.

Formado em 1999 por Domin- guinhos do Estácio (1941-2021), Jackson Martins (1972-2004), Preto Jóia - Imperatriz Leopoldinense,

Serginho do Porto e Wantuir, o grupo retorna em nova formação atual para reafirmando o propósito que marcou sua criação em 1999:

valorizar o ofício do intérprete e mostrar que os cantores do Car- naval têm talento e versatilidade de sobra. “Estamos animados para retornar a esse palco depois da ener- gia que sentimos em agosto”, desta- ca Wantuir, um dos fundadores do grupo.

SERVIÇO
SAMBA DOS PUXADORES
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia) | 28/10, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 42

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Clima nostálgico

Julia Pagano, cantora e compositora de Rio Claro (SP), lança “Nosso Carnaval”, segundo single do EP “Limonada Brasileira”, pelo Selo Camarada via Virgin Music Group. A faixa traz sonoridade de Nova MPB e Lo-Fi, abordando a nostalgia de encontros marcantes com versos que mesclam melancolia e alegria. Bacharel em canto popular, Julia iniciou sua carreira auto- ral com a banda “12 Histórias” e ganhou destaque em 2020 com o single “Sambinha”, que alcançou 30 mil ouvintes mensais no Spotify.

Divulgação



Criação coletiva

Rodrigo Sha, Jam da Silva e Ella & The Bossa Beat lançam o single “É Tudo Amanhã” em 28 de outubro. A composição, assinada por Rodrigo Sha, Jam da Sil- va e Gabriel Moura, traz produção de Rodrigo Sha e Magrus Borges. A faixa mescla influências do Clube da Esquina com elementos contemporâneos e regionais, abordando temas de esperança e renovação. A can- ção integra a trilha do documentário “G20 - Diálogos para o planeta”, em fase de finalização. O single estará disponível nas plataformas digitais a partir da data de lançamento.

Divulgação



Divulgação



Releitura enérgica

Juliana Franke, cantora e compositora de Brasília, lança regravação de “Ovelha Negra”, clássico de Rita Lee, pela Sonora Digital via Virgin Music Group. A artista, reconhecida por Zuza Homem de Mello como nome da MPB, traz nova interpretação da faixa man- tendo sua energia original. Com carreira iniciada em 2016 no álbum “Folha em Branco” e singles como “Pressa” e “Desviada”, Juliana mescla MPB e jazz em seu trabalho. A releitura celebra autenticidade e liber- dade individual, resgatando o espírito atemporal da composição.



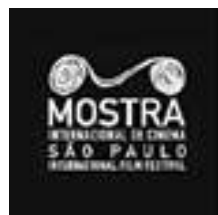
The Walt Disney Company

Jeremy Allen White encarna The Boss em 'Springsteen: Salve-me do Desconhecido'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

O chef virou 'The Boss'



Um dos atores mais badalados (e premiados) das narrativas serializadas, pelo sucesso de 'O Urso', Jeremy Allen White mira infinito... o além... e o Oscar como Bruce Springsteen

Tricampeão na festa anual do Globo de Ouro, onde conquistou três estatuetas pela série "O Urso", com a qual ganhou ainda dois Emmys pelo papel do chef Carmy, o nova-iorquino Jeremy Allen White lança agora, aos 34 anos, a candidatura para o Oscar de 2026, pelo desempenho no devastador "Springsteen: Salve-me do Desconhecido". A estreia brasileira está apontada para quinta-feira (30), mas nesta terça, às 17h, a 49ª edição da Mostra de São Paulo projeta o longa no Cinesesc. A sessão cimenta a pedra fundamental para o êxito dessa cinebiografia da ave canora do rock, Bruce Frederick Joseph Springsteen, celebrizado entre seus fãs como The Boss (O Patrão). A gênese de hits como "Born In The US" está lá.

"Estamos narrando uma história de isolamento, falando de uma fase mais interiorizada de Bruce, que sempre demonstrou muita franqueza em sua expressão na música... e em sua vida, por isso, nesse período em que nós o retratamos, buscamos compreendê-lo a partir de suas composições", disse Jeremy ao Correio da Manhã, numa coletiva online, via Zoom, depois de analisar o conflito interno de Springsteen com seu pai, Douglas, vivido por Stephen Graham, ator e autor da minissérie "Adolescência".

Baseado em livro de Warren Zanes, "Springsteen: Deliver Me from Nowhere" (título original da produção de US\$ 55 mi-

lhões sobre o cantor) acompanha a turbulenta criação do álbum "Nebraska", arquitetado por Bruce num 1982. A direção é de Scott Cooper, de "Coração Louco", que oscarizou Jeff Bridges, em 2010. Na época filmada por Cooper, numa América ainda assombrada pela Guerra do Vietnã, ele era um jovem músico à beira do estrelato global, em luta para conciliar as pressões do sucesso com os fantasmas do seu passado. Há um amor no meio do caminho, há pressões do mercado fonográfico e há o carinho de fãs ao seu redor. Há, ainda, o desejo de expressar inquietações existenciais. É o que o disco registra. Captado em um gravador de 4 canais no quarto de Springsteen em Nova Jersey, o LP marcou

um momento crucial na vida do cantor – e na cena musical dos EUA – e é considerado uma de suas criações mais importantes, e de maior êxito de vendas, numa toada crua e atormentada.

"Ver o Bruce ao vivo foi uma experiência avassaladora, pois ele é um intérprete extraordinário. No início, senti um peso enorme de interpretá-lo", disse Jeremy Allen à imprensa, durante uma coletiva híbrida, com imprensa estrangeira presencialmente alocada e jornalistas dispostos em salas de Zoom. "Quanto mais eu o conhecia e mais aprendia sobre ele, mais o admirava. o que, obviamente, só aumentava a pressão. Tive de absorver tudo o que pudesse no processo: assistir a concer-

tos, ouvir entrevistas, ler, estudar. No entanto, percebi que tinha de me concentrar no que estava ao meu alcance — na nossa história, no argumento do Scott, nesta versão de Bruce durante um período específico. Isso ajudou-me a focar e a encontrar paz. Nós sabíamos que eu não me parecia exatamente com o Bruce, por isso, concentrei-me no que estava sob o meu controle interiormente. Não era um concurso de sósias".

Existe ainda um outro eixo de excelência na narrativa de "Springsteen: Salve-me do Desconhecido", que é o companheirismo, na relação de Bruce e seu manager e produtor, Jon Landau, cuja composição pode render a Jeremy Strong indicações a estatuetas douradas.

"Recordo-me de algo que o agente do Bruce disse: 'O mundo do espetáculo pode ser uma vida ótima, divertida e excitante, mas tem de ser parte de uma vida maior — não pode substituí-la'. Enquanto a minha vida for plena fora disso, vou me sentir bem", diz Jeremy Allen. "Sinto-me afortunado. Comecei a representar aos 14 ou 15 anos e tudo aconteceu de forma gradual. Hoje tenho 34, e ainda bem. Aos 19 não teria lidado bem com isto. Tenho duas filhas pequenas e, quando chego a casa, sei exatamente quem sou. Não há confusão. Depois de filmar, fui para casa, passei tempo com a minha família e limpei a casa. Tinha o jardim ao abandono. Descansar me fez bem. Acabamos de filmar em janeiro e, em fevereiro, eu já estava trabalhando novamente em 'O Urso'. Foi um período longo, intenso, e no final senti-me feliz por poder simplesmente... não fazer nada durante um mês".

Encarado como um dos maiores galãs da atualidade, Allen desponta nas apostas para os troféus da Academia de Hollywood ao lado de Leonardo DiCaprio ("Uma Batalha Após A Outra"), Michael B. Jordan ("Pecadores") e (tudo indica) Wagner Moura, por "O Agente Secreto". Seja ou não indicado, o astro de "O Urso" (que pode ser visto na Disney+) transformou-se radicalmente no contato com a poética de Springsteen.

"Antes do filme, eu tinha um conhecimento básico dele, pois conhecia "Born to Run", "The River", as canções que tocavam no rádio. Ao mergulhar na discografia dele, especialmente em "Nebraska", percebi a profundidade de suas letras", explica Jeremy Allen. "O público dele é transgeracional — avós, pais, filhos —, e isso deve-se à empatia que transmite. Bruce não julga nas suas músicas: observa, compreende. É um contador de histórias brilhante, escreve com um detalhismo impressionante. Antes, ouvia-o pela melodia; agora, escuto cada palavra".

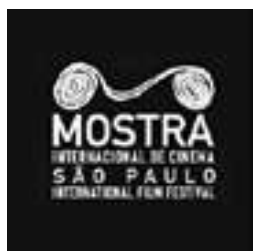
Se é brasileiro... é bom

Comemorações dos 20 anos de 'Cinema, Aspirinas e Urubus' na maratona paulista se estende por uma exibição do cultuado longa-metragem na TV Brasil nesta terça

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Em campo para os potenciais prêmios da Mostra de São Paulo destinados às suas atrações nacionais com "Dolores" (codirigido por Maria Clara Escobar), Marcelo Gomes aproveitou a maratona cinéfila para festejar os 20 anos de seu maior cult (e ele tem alguns, hein): "Cinema, Aspirinas e Urubus". O suc-



Rec Produtores

Peter Ketnath e João Miguel olham no retrovisor dos 20 anos do longa

so que a produção fez ao voltar à tela grande, numa projeção no Reserva Cultural, vai se estender agora pela TV aberta. Esta noite, às 21h, a TV Brasil transmite a produção que fez sua estreia em Cannes, em 2005, e, naquele ano, ganhou o Prêmio do Júri do Festival do Rio e a láurea de Melhor Ator, dada a João Miguel. É uma vitrine a mais – e de peso – para seu re-

lizador.

Dizer que Gomes é uma presença constante nos maiores festivais do mundo não é exagero — o passaporte comprova e os catálogos confirmam. Além da Croisette, passou por Veneza, Toronto e Roterdão, venceu o Festival do Rio com "Paloma" (2022) e encontrou o seu porto mais fiel na Berlinale. Por lá concorreu ao

Urso de Ouro com "Joaquim" (2017), exibiu documentários como "Estou-me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar" e assinou a ficção ensaística "O Homem das Multidões", codirigida com Cao Guimarães.

Em fevereiro, Gomes regressou a complexos exibidores de Berlim com a minissérie da HBO Max "Máscaras de Oxigênio (Não) Cairão Automaticamente", codirigida com Carol Minêm e produzida pela Morena Filmes (de Mariza Leão), que passou também pelo Festival de Munique. Em agosto, o Festival de Gramado foi pista de descolagem para a pré-estreia dessa história sobre o boom da Aids no Brasil. Em setembro, Gomes viajou ao norte de Espanha para lançar "Dolores", em San Sebastián.

Já suas "Aspirinas"... esse filmaço fica para a saudade. Sua trama decorre em 1942, no sertão nordestino, onde dois homens se cruzam: Johann, um alemão que fugiu da guerra (Peter Ketnath), e Ranulpho, um brasileiro que tenta escapar à seca (João Miguel). De povoado em povoado, projetam filmes para pessoas que nunca tinham visto cinema, vendendo um remédio "milagroso". Ao atravessar as estradas poeirentas de um sertão arcaico, buscam horizontes novos e descobrem, na diferença, uma amizade improvável. "A ideia desse filme nasceu de uma história familiar, contada por um tio-avô, e o sertão era o lugar da minha memória afetiva. Nunca imaginei que essa história iria correr o mundo. Nem voltar às telas agora."

AS BOAS DA PAULICEIA - TERÇA-FEIRA (28/10)

PO R **RODRIGO FONSECA**

A IRMÃ MAIS NOVA ("La Petite Dernière"), de Hafsia Herzi (França): É um espanto o desempenho de Nadia Melliti neste drama sobre afirmações identitárias, que ganhou o prêmio de Melhor Atriz em Cannes, onde o longa recebeu ainda a Queer Palm, troféu que combate à homofobia. Nadia vive Fátima, caçula de três irmãs. Ela tenta, com alguma cautela, trilhar seu próprio caminho, dividida entre novos desejos, a descoberta de sua atração por outras mulheres e a lealdade à sua calorosa família franco-argelina. Depois que ingressa na universidade em Paris, ela começa a namorar, fazer amigos e passa a explorar um universo até então desconhecido. **Onde: Cultura Artística, 12h.**



A Irmã Mais Nova



A Incrível Eleanor

A INCRÍVEL ELEANOR ("Eleanor, The Great"), de Scarlett Johansson (EUA): A Viúva Negra da franquia "Vingadores" estreou na direção de longas com brio, numa narrativa agridoce que lembra "Melhor É Impossível" (1997). Sua estrela, em estado de graça, é a nonagenária June Squibb. Ela vive uma encenqueira que finge ser uma sobrevivente do Holocausto para forjar amizade com uma jovem estudante de jornalismo. O pai da moça, um famoso apresentador de TV, é vivido por um inspirado Chiwetel Ejiofor. **Quando e onde: Espaço Petrobras, 14h.**

A NATUREZA DAS COISAS INVISÍVEIS, de Rafaela Camelo (Brasil): Um achado do cinema do DF, que abriu sua carreira na Berlinale. Em sua trama, Glória, de 10 anos (Laura Brandão), acompanha a mãe, a enfermeira Antônia (Larissa Mauro), no trabalho, num ambiente hospitalar onde pacientes de idade avançada padecem de moléstias diversas. A garota já conhece o local e costuma explorá-lo sozinha. Tem um



A Natureza das Pequenas Coisas

passivo de enfermidade, expressa por uma marca em seu peito. Um dia, ela conhece Sofia (Serena), que tem a mesma idade e está lá por causa da bisavó (Aline Marta Maia), uma curandeira espiritual que, apesar do Alzheimer, faz suas invocações. **Onde: Cinemateca Brasileira, 19h20.**

Paulo-Roberto Andel

As vísceras da cidade II

VII

Acontece que essa também é a cidade das esmolas. Esmolinhas. Os políticos dão projetos de esmolinha para meia dúzia e acreditam ter mudado a cidade. O sonho do Carnaval é uma esmola para tanta gente tão sofrida. O sonho do futebol no Maracanã já foi uma grande esmola, mas o povo foi expulso de lá e agora se abriga em biroskas para poder vivenciar sua única alegria. Às vezes temos esmolas de grandes shows como os de Madonna e Lady Gaga, então o grande capital ganha, os trabalhadores minúsculos sobrevivem e ficamos esperando a próxima esmola.

VIII

A maior prova do descalabro da cidade está nas madrugadas, quando milhares de famintos tentam se abrigar na porta de agências bancárias. Lembre-se: toda vez que você vir uma pessoa em situação de rua desabada numa calçada à tarde, pode ser consequência da pessoa virar a noite acordada, com medo de ser morta, incendiada ou estuprada.

IX

A cidade está crescendo. Temos cada vez mais prédios, voltados para quem já tem apartamentos - a minoria. Surgem novos bairros devidamente gentrificados, onde o povo só aparece como camelo ou prestando os serviços condominiais. “

“O povo? Que se aperte nas favelas.”

Nos bairros antigos, há cada vez mais lojas fechadas que nunca mais vão abrir.

Aliás, a própria rua que, no passado, era um palco de celebração da cidade, agora é cada vez mais mero percurso de passagem. As pessoas têm pressa. As pessoas têm medo. O celular virou o último refúgio das amizades numa cidade que já misturou muitos gênios em muitos bares, mas tirando os nichos da burguesia e alguns pontos esparsos, a vida na rua acabou. Ficaram apenas as pessoas oprimidas pela miséria.

X

“Miséria, miséria em qualquer canto, riquezas são diferentes.”

“A morte não causa mais espanto.”

A cidade ainda tem beleza sim. Ainda tem poesia. Contudo, as chances são cada vez mais escassas.

A cidade humilha as pessoas, não todas, mas a maioria.

Muita gente deu seu sangue e sua vida para que a cidade fosse de todos, mas isso jamais aconteceu, e não há esperanças de que o cenário mude.

Seria possível mudar a cidade para melhor, mas as pessoas que controlam o poder não têm o menor compromisso com o bem comum: parlamentares, empresários, personalidades, banqueiros etc. Nunca estiveram nem estão aí com nada.

XI

Cidade maravilhosa.

Nos Oceanos da lusofonia

Moçambicano Mia Couto e angolano José Eduardo Agualusa disputam com brasileira Silvana Tavano e autores portugueses na categoria de prosa da premiação que celebra a literatura em língua portuguesa

Luiza Sigulem/Divulgação

Por Affonso Nunes

O Prêmio Oceanos, uma das mais prestigiadas distinções literárias do universo lusófono, anunciou os dez finalistas da edição de 2025, com autores de Brasil, Portugal, Moçambique e Angola competindo nas categorias de prosa e poesia. O resultado será conhecido em 10 de dezembro, dando continuidade a uma trajetória que, desde 2003, celebra a diversidade e a excelência da literatura em língua portuguesa.

Na categoria de prosa, destacam-se nomes consagrados como o moçambicano Mia Couto, com “A Cegueira do Rio”, e o angolano José Eduardo Agualusa, autor de “Mestre dos Batuques”. A brasileira Silvana Tavano concorre com “Ressuscitar Mamutes”, obra que também figurou entre os finalistas do Prêmio São Paulo de Literatura e semifinalistas do Jabuti. Completam a lista os portugueses Rui Cardoso Martins e Teresa Veiga, demonstrando a força da literatura portuguesa contemporânea.

Já a categoria de poesia apresenta maioria brasileira, com Maria do Carmo Ferreira, Ana Maria Vasconcelos e Fabiano Calixto representando o país. Os demais concorrentes são o moçambicano Francisco Guita Jr. e o português Ricardo Gil Soeiro. Os dez títulos finalistas foram selecionados entre 3.432 obras inscritas, número recorde na história das premiações, aumentando sua relevância no cenário literário lusófono.

Criado em 2003 pela Portugal Telecom como Prêmio Portugal



A brasileira Silvana Tavano figura na relação dos finalistas do Prêmio Oceano na categoria prosa com o romance ‘Ressuscitar Mamutes’

Telecom de Literatura, a premiação inicialmente focava na literatura brasileira. A partir de 2007, abriu-se para autores de todos os países de língua portuguesa, e em 2015 ganhou o nome atual, passando a ser gerido pela Oceanos Cultural e pelo Itaú Cultural. O prêmio é considerado o equivalente lusófono do britânico Man Booker Prize, tanto pela qualidade dos títulos selecionados quanto pelo alto valor financeiro distribuído a seus vencedores.

O Oceanos dá visibilidade à nossa língua em suas mais variadas expressões, projetando autores e obras que estariam restritos a seus mercados locais. Seu júri é formado por especialistas de diversas nacionalidades que adotam o português como idioma oficial.

Ao longo de sua história, au-

tores brasileiros conquistaram posição de destaque. Em 2003, Bernardo Carvalho (“Nove Noites”) e Dalton Trevisan (“Pico na Veia”) dividiram o primeiro lugar. Paulo Henriques Britto venceu em 2004 com “Macau”, seguido por Amílcar Bettega Barbosa em 2005 (“Os Lados do Círculo”) e Milton Hatoum em 2006 (“Cinzas do Norte”). Cristóvão Tezza triunfou em 2008 com “O Filho Eterno”, Nuno Ramos em 2009 (“Ó”) e Chico Buarque em 2010 (“Leite Derramado”). Rubens Figueiredo levou o prêmio em 2011 (“Passageiro do Fim do Dia”), José Luiz Passos em 2013 (“O Sonâmbulo Amador”) e Sérgio Rodrigues em 2014 (“O Drible”). Em 2015, Silviano Santiago venceu com “Mil Rosas Roubadas”, e Julián Fuks ficou em segundo lugar em 2016 com “A Resistência”. Mais recentemente, Micheline Verunsch conquistou o prêmio em 2024 com “Caminhando com os Mortos”, consolidando a presença brasileira no topo da premiação.

Histórias que não nos contaram

Lucas Popeta retorna aos palcos com o monólogo 'Quebrando Paradigmas', que entrelaça história, resistência e protagonismo negro na formação cultural brasileira

Lucas Popeta retorna ao palco do Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa com "Quebrando Paradigmas", espetáculo que revisita a trajetória da identidade negra no Brasil num mergulho na história do país sob a perspectiva de um jovem negro de 23 anos, num exercício cênico que dialoga diretamente com o legado de Abdias Nascimento e do Teatro Experimental do Negro (TEN).

O monólogo, que tem texto e idealização do próprio ator, constrói sua narrativa a partir de figuras históricas fundamentais como Ma-

ria do Nascimento, Arinda Serafim e Marina Gonçalves, evidenciando o papel de mulheres negras na construção cultural brasileira. O trabalho joga holofotes em nomes e trajetórias sistematicamente apagados dos registros oficiais.

"Dar nome e voz a essas pessoas é reencontrar a história que não nos ensinaram nas escolas e que agora temos autonomia pra descobrir. É entender de onde viemos e poder escolher, com consciência, pra onde queremos ir", afirma Popeta, que vê nesse resgate uma ferramenta de transformação social. Segundo ele, essa consciência histórica é recente:



Paulo Aragon/Diuvulgação

Lucas Popeta exerce um exercício cênico que dialoga com o legado do Teatro Experimental do Negro (TEN)

"Há 50 anos atrás a gente não tinha essa mentalidade. Vivemos num país jovem, que ainda está se entendendo enquanto nação".

A montagem independente conta com direção geral de Gizelly de Paula, direção musical de Beà Ayòóla, direção de movimento de Marili Stefany e direção de produção de Gabriela Nascimento. A equipe majoritariamente feminina reforça, também nos bastidores, a proposta de protagonismo negro que atravessa toda a produção. Ainda que seja um monólogo sobre vivências pessoais, a dramaturgia conduz o público a uma reflexão sobre estruturas históricas que moldaram – e seguem moldando – as relações raciais no país.

SERVIÇO

QUEBRANDO PARADIGMAS
Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824) | De 31/10 a 9/11, sextas e sábados (20h) e domingos (19h) | R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Vida real X vida virtual

Termina nesta sexta-feira (31), no Teatro Barra Point, a temporada de "No Virtual Todos Somos Felizes". A tragicomédia aborda a dicotomia entre vida real e imagem construída nas redes sociais através de três personagens femininas que mantêm versões distintas de si mesmas no ambiente virtual e pessoal. A trama questiona a tendência contemporânea de mascarar a realidade em busca de uma aparência perfeita online. Um psicólogo enigmático confronta as protagonistas, expondo suas contradições.

Divulgação



Divulgação

Companhia indesejada

O Cine Teatro Joia, em Copacabana, encerra nesta sexta-feira (31) a temporada de "Minha Mãe é Um Espírito". A peça acompanha Rick, homem de 35 anos, que convive com o fantasma de sua mãe, Lindaura, que se recusa a partir após a morte. A trama explora o relacionamento entre mãe e filho através de situações cotidianas e cômicas, abordando temas como apego, controle familiar e aceitação da finitude. Com diálogos que transitam entre humor e reflexão, a montagem questiona até quando a personagem resistirá à sua nova condição.

Divulgação



Eternamente Elvis

"O Rei do Rock – O Musical" seguem em cartaz no Teatro Claro Mais, em Copacabana. O espetáculo percorre a trajetória de Elvis Presley, desde sua primeira gravação aos 18 anos em Tupelo, Mississippi, até o auge da carreira e sua repentina morte aos 42 anos. A montagem aborda momentos fundamentais da vida do artista com rigor histórico e sensibilidade, destacando seu impacto cultural na música e na sociedade. A produção combina elementos biográficos com números musicais que celebram o legado do cantor. Até 9 de novembro.

Uma voz de pura resistência

Mural homenageia Getúlio Marinho, que desafiou a repressão ao gravar os primeiros cânticos rituais em 1930

Por Affonso Nunes

O Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica apresenta a exposição “Mosaico Getúlio Marinho, o Amor”, que apresenta pela primeira vez ao público o painel de ladrilhos criado pelos artistas John Souza e Natalia Reyes Najle, do Ateliê Cosmonauta Mosaicos. A obra homenageia Getúlio Marinho da Silva (1889-1964), conhecido como “Amor”, figura fundamental na história da música brasileira que ousou gravar cânticos de religiões de matriz africana em plena era de perseguição sistemática a essas manifestações culturais.

Em 1930, Getúlio Marinho entrou para a história ao lado de Mano Eloy, acompanhados pelo Conjunto Africano, ao registrar pela gravadora Odeon



Divulgação

O mosaico, que celebra Getúlio Marinho e seu pioneirismo ao gravar cânticos afro-brasileiros, será instalado em definitivo na Pequena África

os primeiros fonogramas de cânticos rituais afro-brasileiros. O disco “Macumba (Ponto de Ogum / Ponto de Inhassan)” representou um ato de insurgência num

período em que terreiros eram invadidos, atabaques apreendidos e praticantes criminalizados. Baiano radicado no Rio, músico e mestre-sala, Amor fez do disco

em território de liberdade e afirmação identitária, confrontando o projeto de apagamento das culturas negras no Brasil.

O painel será exibido no espaço cultural antes de sua instalação permanente na Pequena África, região que compreende os bairros da Gamboa, Saúde e Santo Cristo. Batizada pelo sambista Heitor dos Prazeres, essa área foi o coração da diáspora africana no Rio, onde funcionou o Cais do Valongo e a Pedra do Sal se tornou um quilombo urbano, o berço do samba carioca.

A exposição propõe reflexão sobre os silenciamentos históricos ao apresentar o patrimônio construído por Getúlio Marinho ao lado de matérias jornalísticas preconceituosas publicadas durante as batidas policiais realizadas no mesmo período em que o compositor revolucionava a indústria fonográfica. “Esta exposição é um gesto de reparação simbólica e um compromisso com o futuro”, afirma o curador Marco Antonio Teobaldo. “Ao instalar o painel na região onde existiam terreiros invadidos pela polícia, reafirmamos que a memória é campo de disputa e que o espaço público deve refletir a diversidade e a complexidade de nossa formação cultural”, defende.

SERVIÇO
MOSAICO GETÚLIO MARINHO, O AMOR

Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (Rua Luís de Camões, Praça Tiradentes),
Até 15/11, das 10h às 18h



ARRISQUE TUDO NÃO SE ARREPENDA DE NADA

DA AUTORA BEST-SELLER DE É ASSIM QUE ACABA

SE NÃO FOSSE VOCÊ

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME

HOJE NOS CINEMAS